



UFSC



Revista Digital do  
Laboratório de Artes Visuais  
ISSN 1983-7348  
Acesso aberto

Submissão: 06/08/2025 • Aprovação: 08/08/2025 • Publicação: 11/08/2025

## Dossiê Revista LAV

### Artes e literaturas indígenas contemporâneas: forças que movimentam modos de pensar, sentir e fazer pesquisas

Alik Wunder <sup>1</sup>

Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.

Davina Marques <sup>2</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Brasil.

Cristine Takuá <sup>3</sup>

Escola Vivas, São Paulo, Brasil.

Marilda Oliveira de Oliveira <sup>4</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil.

Clenio Perlin Berni <sup>5</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil.

#### Apresentação

O campo da arte e literatura contemporânea tem sido movimentado cada vez mais por escritoras.es, artistas e coletivos pertencentes a diferentes povos indígenas, que, com suas obras e presenças, deslocam sentidos de arte, escrita, imagem e vida, bem como dão a ver os modos coloniais, predatórios, excludentes e violentos do mundo ocidental em relação aos mundos indígenas e ao planeta. **Como a arte e a literatura indígena contemporânea têm movimentado diversas áreas do conhecimento - educação, artes visuais, antropologia, literatura, cinema, psicologia, filosofia dentre outras?**

Este dossiê multidisciplinar convidou pesquisadoras.es que têm se deixado atravessar pelas imagens, palavras e sons indígenas, no sentido de movimentar conceitos, linguagens, metodologias, cosmovisões e afetos na pesquisa. Convidamos a comunidade acadêmica a pensar em como as forças ancestrais indígenas têm nos convocado a outros modos de pensar, sentir e fazer ciência e a outros modos de nos relacionar com a terra e a vida em suas diversas dimensões.

De diversas maneiras estes movimentos, deslocamentos, rupturas e alianças nos são apresentados neste número da Revista LAV. São movimentos provindos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas universidades: do Pará, Rio Grande do Sul, São Paulo, do estado de Zacatecas, México, em alianças com as artes, literaturas e sabedorias Krenak, Makuxi, Kariri-Xocó, Kiriri do Acré, Baniwa, Wixarica...

As pesquisadoras da Universidade Federal do Pará Mariana Xerfan e Izabela Leal, autoras do artigo “**Adiar o fim do mundo: ancestralidade e ativismo na obra de Ailton Krenak**”, escrevem sobre o protagonismo indígena a partir das contribuições políticas e literárias do autor e ativista indígena Ailton Krenak e destacam a importância da linguagem e da literatura para a ampliação dos horizontes estéticos e políticos para esses povos originários.

As autoras do artigo “**Cartografar para adiar o fim do mundo**”, pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Maria (RS), Juliana Martins Roeber, Luana Vargas Aquino e Marcele Pereira da Rosa Zucolotto, apontam a cartografia como metodologia de pesquisa capaz de acompanhar a diferença e a pluralidade nos processos de subjetivação e escrevem sobre os impactos do processo colonizatório na manutenção da perspectiva epistemológica hegemônica e nos processos de produção de subjetividade contemporâneos.

Alik Wunder, Victor Hugo da Silva Iwakami e Rafael Caetano Nascimento, pesquisadora.es da Universidade Estadual de Campinas (SP), em “**Experimentações visuais em pesquisas com os povos indígenas Kariri-Xocó e Kiriri do Acré**”, escrevem a partir de pesquisas e criações coletivas com o povo Kariri-Xocó (AL) e povo Kiriri (BA). Apostam nas pesquisas-experimentações em educação e nos lançam a pergunta: como pensar uma educação pelas imagens indígenas?

Em “**Ver, ler e pensar com os grafismos baniwa: trançando novas tramas**”, a pesquisadora Patrícia Regina Vannetti Veiga, da Universidade Estadual de Campinas (SP), nos apresenta seus movimentos de pesquisa e escrita realizados com os trançados e com a visualidade dos grafismos do povo Baniwa (AM). Com a educação, mobiliza o trançar como um instrumento que sensibiliza para novas visualizações das tramas interculturais.

A pesquisadora Ivete Souza da Silva, da Universidade Federal de Santa Maria (RS), é a autora do artigo “**O Neto de Makunaimâ é Doutor das Artes: a trajetória do artista indígena Makuxi Jaider Esbell**” e nos traz um recorte de suas pesquisas sobre a trajetória e produção artística e literária do artista indígena makuxi Jaider Esbell (1979-2021). Segundo a autora, o artista compreendeu a complexidade dos dois mundos em que viveu, o mundo branco e o seu mundo

Alik Wunder<sup>1</sup>  
Davina Marques<sup>2</sup>  
Cristine Takuá<sup>3</sup>  
Marilda Oliveira de Oliveira<sup>4</sup>  
Clenio Perlin Berni<sup>5</sup>

indígena e se apropriou dos conhecimentos e espaços produzidos pelo colonizador ganhando notoriedade na arte ocidental.

Em “**Historia y significado del arte y la artesanía de los huicholes**”, o pesquisador Leobardo Villegas Mariscal, da Universidade Autónoma de Zacatecas (México), a partir de suas pesquisas sobre as origens e as transformações da arte do povo Wixarica, conhecidos também como Hicholes, grupo indígena estabelecido na Sierra Madre Ocidental do México. Em seu artigo aborda as tramas entre a arte ritual e as novas produções artísticas dos huicholes.

A pesquisadora María José Sánchez Usón, também da Universidade Autónoma de Zacatecas (México), em seu artigo “**Arte Wixárika nos museus do mundo**”, nos apresenta o conceito de internacionalização a partir das minorias étnicas, demonstrando como o povo Wixarica não permaneceu à margem dessa inclinação e que, por meio de seu artesanato e arte, atuam como embaixadores do México no exterior, estando presentes nos principais museus do mundo.

É com alegria que abrimos este dossiê com estas breves palavras, desejando que as leituras germinem outros movimentos no sentido de encontros férteis com os modos de ser, pensar e criar que se fazem presentes nas sábias artes e literaturas indígenas.

Alik Wunder, Davina Marques e Cristine Takuá - as organizadoras deste Dossiê

---

Alik Wunder é professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas.

Davina Marques é pesquisadora e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Cristine Takuá é ativista indígena, educadora e filósofa, pertencente ao povo maxakali, atua no Projeto Escolas Vivas, Ciclo Selvagem, na Associação Maracá entre outros projetos.